

## Para Acabar de Vez com o Julgamento de Artaud

Espectáculo da Cia. Cambaleei, Mas Não Caí... (RJ), apresentado no dia 21 de outubro de 2016, no Teatro Capiba/SESC Casa Amarela, durante a programação da IX Mostra Capiba de Teatro, no Recife (PE).

Comentário crítico por Leidson Ferraz\*

Ainda na entrada do SESC Casa Amarela, de repente somos surpreendidos por um senhor de estatura baixa, calvo, com olhar penetrante, vestido com um sobretudo e nos mostrando um par de sapatos visivelmente maiores que os seus pés. Após calçar-se, ele então nos afronta com uma infinidade de frases enfáticas sobre o homem, o mundo e as verdades da sua vida. Transita por entre os espectadores e seu falar é constante, com voz potente que nos prende a atenção. Neste discurso tão impositivo, aos poucos mostrando-secada vez mais permeado de elipses, metáforas, algumas certezas e muitas dúvidas, ele nos interpela sobre o caos e a desordem da convivência, sobre o papel do teatro (que diz querer começar) e sua (in)significância, pondera sobre totalitarismos e fragilidades, vontades abdicadas e massacres históricos, amarras e condenações, doenças, sombras e possíveis razões do ser.

Neste turbilhão de provocações, vocifera, brande, inquires, aponta. Lança estranhamentos cada vez mais crescentes, ao ponto de inserir frases numa língua irreconhecível, mas áspera e dura, e, aos poucos, a plateia vai percebendo que, para além da lógica do que ele fala, sua própria presença é que emana o controverso. No entanto, continuamos a segui-lo. Do espaço da rua às voltas por corredores do SESC, ele finalmente dirige-se ao Teatro Capiba por uma escada de entrada lateral e estanca em frente à porta, com cara sisuda, pronto para nos receberem sua inusitada conferência. Tudo aquilo foi apenas um preâmbulo para pincelar que estamos diante de um homem, sim, em convulsão de pensamentos. Nesta IX Mostra Capiba de Teatro, que mais ele nos terá a dizer?

Ator experiente, é o carioca Samir Murad quem vive no palco Antonin Artaud certamente o homem/artista/pensador mais polêmico de toda a história mundial do teatro, que morreu aprisionado no sanatório de Rodez. Samir volta a interpretá-lo no mesmo monólogo que estreou há 20 anos, em 2001, quando tinha 42 anos e nem pensava que iria circular tanto com esta peça Brasil afora. Hoje, aos 58 anos, não tem pudor de afirmar, ao fim da apresentação, que já não possui mais o vigor físico de quando concebeu o espetáculo. E isso fica visível em sua movimentação corporal, intensa, constante, vez por outra em diálogo com o mundo oriental, que exige disciplina e tônus muscular. Mas, para além de toda a postura

física adotada, é a sua concepção sobre um louco Artaud que nos intriga. Em único diapasão, por quase toda a montagem, Samir investe numa plêiade de tiques nervosos, volteios sonoros, inquietude de presença que, infelizmente, cansam por bater na mesma tecla. Esta é sua tradução para o estado de furor em que Artaud se encontrava.

No entanto, eis que, lá na frente, o intérprete abandona a cena e vai para um vão abaixo do palco. É ali que suas falas ganham outro contorno e mais força ainda. Muda-se a chave da energia e a personagem ganha em humanidade. Ele lê trechos de uma carta de Artaud à sua amada, a autora francesa Anaïs Nin. Infelizmente, pela visão de onde eu estava, não pude acompanhar o que fazia. Me deu a impressão de estar alimentando-se do próprio papel que lia (soube depois que havia um frio macarrão para consumir). Após este breve momento de respiro, volta-se à partitura corporal e vocal reincidente que é mote para a fuga de maiores interesses, ainda que as imagens projetadas em telão, de cunho surrealista, nos liguem a algumas frases ditas. Seria este o vazio da representação que Artaud preconizava? Basta apenas fazer soar visões poéticas, imprecações e experimentações verbais? Será que este Artaud defendido por Samir Murad não se destina a comunicar nada racionalmente, e aposta na guerra de palavras e sentidos que vão e escapam ao espectador, ainda que não cesse de falar?

Em meio a tantas dúvidas, um questionamento maior ressalta: essa constância na alucinação não abre espaço para uma visão preconceituosa e recorrente do louco como apenas um excluído da sociedade que não deve ser levado a sério? Não reforça apenas o estigma ensandecido deste homem que soube ser grande em sua escrita (ainda que não nos feitos) para a cena teatral? Ou mesmo não há necessidade de uma trégua aos espectadores para que possamos vê-lo por outros vieses e isto amplifique ainda mais o seu discurso em potência, para além da loucura?

Talvez todas estas questões venham à minha cabeça pelo lugar de onde eu falo: de alguém que já pôde acompanhar um processo teatral que resultou no musical “Alheio”, escrito e dirigido por mim no ano 2000, com apresentações no Recife e em São Paulo. Um dos temas da encenação era a presença de internos em um hospital psiquiátrico, fruto das pesquisas realizadas por mim e minha equipe no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), na ilha de Itamaracá (PE), onde os prisioneiros são todos considerados pela Justiça loucos e assassinos (quase sempre com crimes cometidos contra a própria família). Talvez por eu ter me aproximado da loucura em suas mais diferentes gradações, continue a reivindicar olhares mais plurais sobre o tema dos “alienados”, como dizia Artaud. E aquela imagem melancólica dele, na última foto projetada no espetáculo – ainda que seja anterior às suas internações –, me faz crer ainda mais nisso. A loucura manifesta-se entre rompantes e serenidades, e

continua a ser pluralmente controversa, múltipla, inquietante. Portanto, merecia uma “sentença” não tão esquemática e una.

\*Jornalista e pesquisador teatral, autor de livros sobre a história do teatro pernambucano.  
Contato: [leidson.ferraz@gmail.com](mailto:leidson.ferraz@gmail.com)

- *Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Casa Amarela (Recife - PE), a partir da programação da Mostra Capiba, no período de 17 a 21/10/2016.*